

**VIVA O POVO BRASILEIRO – LEITURA E OS RASGOS DA NUEVA NOVELA
HISTÓRICA**

VIVA O POVO BRASILEIRO - READING AND TEARS OF NUEVA HISTORICAL NOVEL

João Cristiano Fleck¹

Naira de Almeida Nascimento²

Resumo

Seymour Menton, em seu ensaio **La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992**, além de apresentar *rasgos* (traços) para reconhecimento e classificação das produções compreensíveis como *novos romances históricos*, enumera logo de início as 367 obras a partir das quais identificou tais elementos. Entre elas, figura o emblemático romance **Viva o povo brasileiro**, de João Ubaldo Ribeiro. O presente estudo efetua a leitura de produções acadêmicas que já versaram sobre a averiguação dos traços destacados por aquele teórico e discerníveis na obra literária em questão. Ainda, busca-se novamente o texto ficcional por mais elementos e exemplos, ao mesmo tempo em que se vai efetuando uma apreciação de antagonistas e protagonistas, agrupamentos e individualidades, em sua atuação no desenrolar do enredo e ao longo da história do Brasil. Nesse sentido, tendo em vista as direções apontadas pela bagagem teórica, são por fim verificadas aproximações do texto literário com o discurso historiográfico, numa tentativa de compreensão de alguns dos dilemas contempláveis na história nacional e potencialmente vislumbrados na narrativa.

Palavras-chave: João Ubaldo Ribeiro. Viva o povo brasileiro. Nueva novela histórica.

Abstract

Seymour Menton, in his essay **La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992**, in addition to presenting the *rasgos* (traits) for recognition and classification of literary works as a subgenre entitled “new historical novel”, early lists the 367 works from which he identified such elements. Among them figures the emblematic novel **Viva o povo brasileiro**, written by João Ubaldo Ribeiro. This paper researches on academic productions which already dealt with the investigation of the traits highlighted by the theoretical, discernible in the literary work in question. Also, this study looks back up the fictional text for new elements and examples, while performing an assessment of antagonists and protagonists, groups and individualities, in its operations in the unfolding of the plot, and throughout the Brazilian history. Then, keeping in mind the theoretical guidances, there are checked identified approximations of the literary text along with the historiographical discourse, in an attempt to understand some of the dilemmas beheld in national history, and potentially glimpsed inside the narrative.

Keywords: João Ubaldo Ribeiro. Viva o povo brasileiro. New historical novel.

“Minha questão diz respeito, antes, a que, coletivamente, se não como indivíduos, esses homens e mulheres são os principais atores da história. O que realizam e pensam faz a diferença.”

¹ Bacharel em estudos literários pela UFPR. Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional da UTFPR. E-mail: militemus77@hotmail.com

² Profª Orientadora, Mestre e Doutora em Estudos Literários pela UFPR. Pós-doutora pela UFPR. Profª. adjunto da UTFPR-Curitiba. E-mail: naira.alm@gmail.com

Pode mudar, e mudou, a cultura e o perfil da história, e mais do que nunca no século XX. Esta é a razão por que dei o título a um livro sobre pessoas, tradicionalmente conhecidas como 'pessoas comuns', de Pessoas Extraordinárias"
Eric Hobsbawn (2005), em prefácio a "Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz"

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a obra **Viva o povo brasileiro**, do escritor itaparicano João Ubaldo Ribeiro (2009), enquanto se verifica sua inserção nos conceitos de ficção histórica e, em especial, os pontos contemplados na *nueva novela histórica*, conforme destacados ou definidos por Seymour Menton no capítulo I de seu livro **La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992**, de 1993.

Dentre os intelectuais que se declinaram sobre o romance em pauta, convém de pronto destacar **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**, obra em que Antônio Esteves (2010) inaugura o capítulo "Um mosaico das narrativas" a discorrer sobre a narrativa ubaldiana. No entanto, por esmiuçadamente abordar os *rasgos* mentonianos, gradativamente identificando-os no texto literário, e mais se assemelhando ao nosso objetivo, dirigir-nos-emos prioritariamente aos dois estudos publicados por Eliane Giacón na revista *Estudos Lingüísticos*, com o título **Quatro rasgos: um novo romance histórico**, em 2003, e na revista *Guavira Letras*, **Contos e romances ubaldianos: um estudo da enunciação**, em 2007. Desta forma, estabeleceremos diálogo com esses textos, oferecendo nossas impressões e contribuições.

Neste passo, a fim de evitar repetições, elegemos o resumo como forma inicial de abordagem – observando não ser exatamente a melhor forma de apreensão do conteúdo de um já breve artigo complexo, mesmo porque suprimimos os excertos selecionados pela autora em sua quase totalidade –, mas optando por efetuá-lo a fim de posicionar nosso estudo precingindo-o no esforço de compreensão desta obra tão relevante da literatura pátria.

Destarte, observar-se-á como a busca pelos elementos teóricos enumerados por Seymour Menton pode auxiliar na captação dos potenciais conteúdos da obra literária, principalmente em sua relação com o discurso histórico. Assim, de fato localizamos e exemplificamos alguns dos *rasgos* definidos pelo ensaísta e confirmados pela acadêmica brasileira, mas é justamente seguindo a pista de um dos traços em que o romance não se encaixaria, verificando as hipóteses pelas quais tal não ocorre, que julgamos constatar mais elementos relevantes à inscrição deste artigo.

Viva o povo brasileiro foi publicado em 1984, quando seu autor era já bastante representativo na literatura nacional, vencedor do prestigiado prêmio Jabuti com o romance **Sargento Getúlio** (1971), traduzido, como aquele, para numerosos idiomas.

Ocupando hoje uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo Ribeiro é colunista de *O Globo* e *O Estado de São Paulo*, além de assinar contribuições em periódicos estrangeiros. Seus escritos, assim, não se restringem exclusivamente a romances, contos e crônicas; o imortal bacharel em Direito tem também publicado o ensaio **Política: quem manda, por que manda, como manda** (1981), e atuação no debate intelectual sobre os rumos e a condição política nacionais.

A expressão “percorre quatro séculos de história do Brasil” é praticamente lugar-comum nos textos que tratam da obra em tese, que efetivamente reflete o conhecimento citado do autor e enseja argumentações e inflexões quanto ao panorama histórico e político do país a ponto de Eliane Giacon (2007, p. 8) resumir a estrutura do romance como: “a história dos descendentes de Amleto Ferreira, que traça a trajetória da classe dominante e a história dos descendentes do caboclo Capiroba e Dadinha que contam a história da classe dominada”. E, em se tratando dessa relação com a História, a fim de prosseguirmos a abordagem, igualmente é a acadêmica também a mencionar que Seymour Menton “incluiu **Viva o povo brasileiro** entre as sete obras brasileiras que classifica como novos romances históricos, publicados até 1992” (GIACON, 2003, s. p.).

Em termos metodológicos, cabe observar que, tendo em vista, na medida do possível, fazer frente à ousada empreitada do romancista ao redigir obra de tão considerável extensão, e a fim de manter a coerência interna das diversas vozes ficcionais presentes na narrativa, muitas com marcas de estilo idiossincráticas e belas em si, fomos generosos na coleção de excertos que ilustram as hipóteses do presente estudo.

1 Os rasgos da *nueva novela histórica* segundo artigo de Eliane Giacon (2003)

Seymour Menton formula seu modelo teórico elencando características que, presentes no romance, o identificariam com o remanescente da produção histórico-literária dos países desde o sul da América até o México. Dos seis *rasgos* (traços), a narrativa de que ora tratamos possuiria quatro.

Primeiramente, fugiria à tradicional concepção ocidental de tempo progressivo ao adotar um caráter cíclico, representado pela assunção de um princípio de reencarnações pelas

quais as “alminhas” viviam, morriam e tornavam a integrar a trama, às vezes como entidade espiritual – caso do holandês Zernicke que, morto nas páginas inaugurais, segue na narrativa por meio de incorporações –, ou mesmo ganhando novos corpos e nomes. A alma do “caboco Capiroba”, encarnação pioneira na “linhagem” de protagonistas do “povo brasileiro”, retorna como o Alferes Brandão Galvão e encerra a participação como a idealista guerrilheira Maria da Fé.

A característica seguinte seria a metaficção: ao longo do romance, haveria pelo menos três exemplos. Representando uma estrutura cumulativa de conhecimento que ocorre com as alminhas, igualmente se desenvolveriam as formas de discurso das personagens que integram a história: Dadinha, negra escrava ancestral e originária do dom mediúnico que percorrerá a trama, transmite seu conhecimento segundo a mais antiga tradição oral, com rimas para facilitar a memorização; Faustino, ancião narrador de feitos, contemporâneo de Canudos, utiliza-se já de um formato análogo ao conto oral para comunicar os feitos que incluem os de Dadinha mais os de Maria da Fé; e Patrício Macário, oficial centenário, sobrevivente da Guerra do Paraguai, ao redigir suas memórias, indicaria uma chegada à escrita, numa condensação de histórias e conteúdos filosóficos adquiridos por todas as personagens.

Em terceiro lugar, a intertextualidade apareceria claramente na invocação tanto de Homero, quando no capítulo 14 as entidades africanas surgem para combater ao lado dos itaparicanos na batalha de Tuiuti, numa analogia aos seus pares olímpicos que lutaram ao lado dos homens nos campos de Tróia (assunto que trataremos mais adiante), quanto numa menção direta a Dom Casmurro, em uma lamentação da personagem Stalin José, um militante dos movimentos de resistência ao regime militar, ao duvidar e perder sua então mulher.

Quanto às características bakhtinianas que integram a quarta premissa de inclusão no modelo de Seymour Menton, o dialogismo seria patente quanto a “textos que contam a história do Brasil, ou fatos de domínio público” (GIACON, 2003, s. p.). Um exemplo seria a famosa frase de Tiradentes (“dez vidas daria, se as tivesse”) que, na voz de Perilo Ambrósio, futuro barão de Pirapuama e antagonista inaugural da obra, ficou: “vinte almures de sangue tivera, todos os vinte os daria gostosamente, e mais os tivera que os daria pela liberdade” (RIBEIRO *apud* GIACON, 2003, s. p.). Em paralelo a esta personagem, o Alferes Brandão Galvão, protagonista inicial, representaria a paródia, mais um aspecto bakhtiniano, do mártir mineiro. Igualmente “alferes”, a narrativa trabalharia a construção ficcional de outro ícone nacional, mas desta vez reformulando a leitura de uma independência do Brasil

mitologicamente tida como pacífica, sem sangue – o alferes morre dolorosamente no conflito.

Já a carnavalização estaria representada quase que literalmente no episódio da festa popular de um santo. Emulando a liturgia católica, homens e mulheres repetiriam rimas evocando os favores de São Gonçalo, o único cuja imagem não seria inteiriça, mas com roupas de pano para que se pudesse ver por baixo delas as vergonhas, e participando num festejo que era em si um carnaval paradoxalmente religioso, e com “aprovação” de uma divindade.

Quanto à heteroglossia, o ora descrito discurso de Dadinha, que se constituía de narrações intercaladas de rimas, representava alternância inclusive de gênero, pois continha excertos líricos, chegando até a linguagem culta em alguns momentos.

2 Dois rasgos e o discurso

Ficariam de fora do estudo já citado os aspectos: a “ficcionalización de personajes históricos a diferencia de la formula de Walter Scott – aprobada por Lukács – de protagonistas fictícios”¹ (MENTON, 1993, p. 43) e “la distorsión consciente de la historia mediante omisiones, exageraciones y anacronismos”² (id.). Em relação a este aspecto, cabe observar que o episódio relatado na seção anterior apenas em sua natureza intertextual, encaixar-se-ia no traço apontado em se tratando de “distorção consciente da história”, dispondo-se como exagero ou extrapolação.

Na verdade, as possibilidades interpretativas oriundas da leitura que **Viva o povo brasileiro** propicia em relação à Guerra do Paraguai, bem poderiam valer um estudo à parte. Todo o capítulo 14 do romance é dedicado ao acontecimento marcial. É narrada a situação do exército brasileiro e, na sequência, o maior conflito bélico ocorrido na América do Sul: a Batalha de Tuiuti, desfechada por forças paraguaias em 24 de maio de 1866. Certamente não por mera coincidência³, também o canto XIV da **Ilíada** de Homero versa sobre uma articulação de divindades para intervenção nos assuntos dos homens. A intertextualidade ficaria mais evidente ao compararmos os ardis de Hera, praticados para com Zeus, com os que Exu, de forma semelhante, exercita para com Ogum. Ambos recorrendo à sedução para obtenção de seus objetivos: evitar a derrota dos gregos para os teucros, e dos brasileiros frente aos paraguaios, mediante atuação direta das divindades na contenda.

Certo que a intriga entre os olímpicos é complexa. Mas no desfecho da intervenção das deidades africanas no romance do autor baiano é que mais marcadamente verificamos o *rasgo* proposto por Seymour Menton. Um Ogum (“valentíssimo guerreiro” e “cujo nome é a própria guerra” são alguns de seus epítetos) amargo rejeita a oferta de ajuda do orixá Omolu (“dono das pestes” e “aquele que mata sem faca”). A depreciação de sua oferta para combater ao lado de seus irmãos – além de Ogum, já lutavam Oxóssi, Iansã e Xangô –, e na defesa de seus “filhos”, provoca a ira de Omolu. E o trecho melancólico que encerra a narrativa da epopeia divina diz:

Oxalá, o que tudo vê, filho único de Olorum, mais alto entre todos, senhor da alvura, fonte de harmonia, o que é chamado por mais nomes, suspirou. Tinha observado que as entidades paraguaias, estranhos seres de inacreditável aparência, estavam prestes a sair de águas, árvores e nuvens, para também socorrer seus filhos. Oxalá, pai dos homens, não conhece o medo nem a incerteza. Conhece porém a angústia e de novo lhe doeu o coração, ao pensar que aquela batalha estava ganha, mas haviam apenas começado os dias terríveis em que seus filhos mais valorosos pereceriam como moscas, como flores pisoteadas pelo cruel inimigo, como troncos apodrecidos pela ira de Omolu, senhor das moléstias, príncipe das pestes, dono das chagas e crecas, o que mata sem faca (RIBEIRO, 2009, p. 532).

Cientes da fábula ubaldiana, o que dizer quando tomamos conhecimento que, do *front*, dois meses após Tuiuti, o Marechal Osório⁴ relatou em ofício ao Ministério da Guerra: “a peste é a maior inimiga que temos” (OSÓRIO, 1915, apud DOURADO, 2010, p. 67)? Ora, chamados à atenção pelo *rasgo* da *nueva novela histórica*, verificamos que a justificativa ficcional e “distorcida” é também preocupação documental, porém, da historiografia hodierna. A recente tese intitulada **História esquecida da Guerra do Paraguai: fome, doenças e penalidades** expõe objetivo semelhante em sua introdução: “o enorme vazio historiográfico existente sobre alguns aspectos é a preocupação principal desta pesquisa, que pretende analisar por que havia tantas mortes por fome e doenças e por que a justiça era tão lenta, irregular e contraditória, contrariando a dinâmica da própria guerra.” (DOURADO, 2010, p. 14). E será possível verificar, mais adiante, que ambas, produção científica e obra literária, parecem convergir no foco de seus esforços.

Retomando o *rasgo* da “ficcionalización de personajes históricos a diferencia de la formula de Walter Scott – aprobada por Lukács – de protagonistas fictícios” (MENTON, 1993, p. 43), com razão, parece-nos, ele não consta dos estudos de Eliane Giacon. A personagem histórica mais atuante na narrativa é Bento Gonçalves, o único a ganhar mesmo duas ou três linhas de diálogo - não mais -, entre a grande multidão de vozes, todas ficcionais de fato.

Nesta mesma aparição, poderíamos vislumbrar alguma convergência à segunda característica - distorção consciente da história -, já que a fuga do Presidente da República Rio-grandense do seu cárcere na costa de Salvador é um feito que integra os textos históricos propriamente ditos. A extrapolação, no entanto, deste evento é-nos útil. Trata-se de fato de acontecimento integrante da historiografia, mas que segue misterioso, sem grandes explicações ou comprovações. Quem teria ajudado o fugitivo? Não há consenso nem resposta, embora haja algumas hipóteses⁵. E é eventualmente nessas lacunas que o romance em tese vai se desenrolar. Nos rodapés, nas margens da história. Assim, fazendo uma breve conclusão sobre estas duas características da *nueva novela histórica* (ironicamente também) deixadas de lado, não teríamos em **Viva o povo brasileiro** grandes pretensões de reescrever a História *per se*. A nós, ambas características parecem vinculadas à escolha dos protagonistas. Sendo nenhum nome famoso, o foco se dará justo no periférico, no ilustrativo, na busca pelo “povo brasileiro”. Nesse sentido, seria possível comparar o romance em tese com alguns trechos de **Nós que aqui estamos por vós esperamos** (1999), filme de Marcelo Masagão, no qual não se altera nem reescreve a história, mas utiliza-se o recurso ficcional para recriar a vida de personagens que não têm seus nomes escritos nos livros. Ora, retomando o discurso historiográfico da “esquecida” Guerra do Paraguai, leríamos uma mencionada preocupação potencialmente semelhante, pelo viés documental:

É investigando o dia a dia dos acampamentos dos exércitos envolvidos que iniciei algumas hipóteses que nortearam o desenvolvimento desta tese. Como em todas as pesquisas, uma interrogação gerou a procura por essa parcela esquecida da historiografia oficial e tenta cobrir esse vazio. [...] Busco a história do cotidiano, sem querer desenvolver melhor o papel dos protagonistas de uma época. O que procuro mostrar é a vida das pessoas comuns e o que sofreram com os horrores da guerra. (DOURADO, 2010, p. 14).

Esse caráter de visita à história nos parece citado no primeiro *rasgo* de Seymour Menton (1993, p. 42): “la subordinación, en distintos grados, de la reproducción mimética de cierto período histórico a la presentación de algunas ideas filosóficas, [...] aplicables a todos los períodos del pasado, del presente y del futuro”⁶. O estudo que resumimos menciona quase que um atavismo espiritual nas situações vivenciadas pelas personagens ao tratar do caráter cíclico, também relacionado pelo teórico nova-iorquino mais adiante neste mesmo parágrafo, mas nos parece que o discurso direto, a voz que o texto cede e que é expediente recorrente ao longo do desenvolvimento, pode nos prover de outros exemplos.

Seguindo uma determinada coerência, o livro não possui grandes momentos descritivos mais comumente associados às obras realistas, mas mantém o seu tom de contação

de histórias. Ficamos sabendo da vida das baleias junto com a personagem Vevé (RIBEIRO, 2009, p. 153) e sobre o tatu, por exemplo, caso cuja conclusão se dá com: “toda essa ciência arte do tatu, mais muitas outras observações da Filosofia da Caça e do Alimento, foi Nego Leléu obrigado a escutar com grande paciência nas palavras de Luiz Tatu, ainda de noitinha, [...]” (RIBEIRO, 2009, p. 295). E esse tipo de reprodução não se dá apenas no aspecto figurativo, de formulação da paisagem. Assumindo por um momento a oposição oprimidos *versus* opressores já citada, podemos identificar alguns momentos de um discurso que ao longo da narrativa vai retornando e se renovando. Identificamo-lo primeiramente na personagem do cônego D. Araújo Marques – uma caricatura do clero que, havia pouco, humilhara por sua natureza a personagem mulata Amleto Ferreira⁷, quando este o confrontara involuntariamente quanto ao anacrônico “elemento flogístico”⁸. Trata-se de um prolixo monólogo de quase 10 páginas, do qual selecionamos apenas as porções essenciais ao presente estudo – os excertos são de João Ubaldo Ribeiro (2009), e vamos marcando apenas as mudanças de página tanto para óbvia localização do excerto na obra, como para repassar a consciência da extensão da fala da personagem, dadas as necessárias supressões:

Pois perguntar-vos-ia simplesmente: **que faz o Senhor Barão aqui?** Que faz ele? Qual a sua missão? Pois eu mesmo, *data venia*, respondo-vos. **O que faz ele aqui é lutar contra sua inclinação natural de homem superior e forcejar, premido pelas carências deste país**, contra as acabrunhantes dificuldades do meio e das condições existentes.

[...]

Falei em bosques. Haverá bosques aqui? Ou tão doce palavra não passa de reminiscência avoenga que perdura em nossos corações, pois não foi feita a nossa raça para aqui habitar, **estando aqui apenas como num penhor de sacrifício à Cristandade e à civilização, como missionários, verdadeiros missionários, que somos?** [...] **Cabe-nos preservar, conservar, manter. E preservar não é somente trazer viva a memória de quem somos, mas dotarmo-nos das condições a que temos direito e sem as quais feneceremos.** (P.141 – grifos nossos).

[...]

Pois, em todas as palestras com que me deleitou e enriqueceu o Senhor Barão, percebemos, verificamos, sentimos, compreendemos, vimos, descobrimos, reconhecemos, **averiguamos enfim a perfeitíssima parecença, diria mesmo irmandade, do nosso modo de pensar**, desminta-me ele se falto à verdade. (P. 143 – grifos nossos).

[...]

Não estremeceria o valoroso orago dessa capela, um dos mais santos entre todos os grandes santos, **ao ver a que ponto a falta de vontade nacional, o comando não fundado em bases filosóficas profundas como as que aqui tangenciei**, pode estar levando este país sobre o qual temos responsabilidade, **somos os únicos que têm essa responsabilidade**, os que têm a portar a maior carga sobre as espáduas, pois nos espregueia e vigia a História, [...] (p. 145 – grifos nossos).

[...]

Mas não, acontecem essas coisas, vem para cá uma tal Missão Francesa a divulgar impropriamente as belas-artes, **como se aqui tivéssemos um povo igual ao francês e não uma súcia de frascalhos, pirangueiros, servos rudíssimos, um povo feiíssimo, malcheiroso, mal-educado, ruidoso, estólido, preguiçoso, indolente e mentiroso, como sabeis muito bem todos, pois se lidamos com ele - mea culpa,**

nostra culpa! - todo o tempo, para grande padecimento e maior penitência nossa. Cruzaremos os braços? Assistiremos a tudo sob um pálio mortal de indiferença? **Continuaremos a tratar o nosso elemento servil melhor do que tratam o elemento servil nos países civilizados? Permitiremos que a educação se faça da mesma forma para todas as classes, assim perpetuando e agravando a degradação já tão tristemente exibida em toda parte?** Pérolas aos porcos? Pergunto-vos: pérolas aos porcos? A verdadeira educação leva em conta a necessária distinção entre as diversas classes de homens. (p. 146 – grifos nossos).

Mais tarde, quando Amleto já usufruía dos bens e multiplicara a fortuna que retirara ao Barão, ora sendo um grande proprietário de terras e prestes a se tornar também banqueiro, em um conclave com um major e ironicamente um monsenhor, o discurso torna a aparecer:

- Perdão, Monsenhor - interveio Amleto. - **As secas, se chamam essas estiagens, não são tão más assim. Antes, pode-se talvez ver nelas a garantia da ordem social e da economia estabelecida.** Por exemplo, somente através da penúria engendrada, pelas estiagens é que o pequeno proprietário se rende a evidência de que sua atividade será sempre de minguada e insignificante produção, assim possibilitando que os grandes proprietários - os únicos que podem levar para aqueles ermos o progresso, já lhes direi por que - possam comprar-lhes as terras e a preços convenientemente baixos, pois do contrario seria uma inversão de recursos desmesurada, quiçá insuportável. **E digo por que somente o grande proprietário é que pode levar o progresso a todos esses vastos rincões. E que só ele pode pleitear junto às autoridades, com prestígio e peso político, as melhorias necessárias, as albufeiras a serem construídas, a açudagem a ser empreendida e benfeitorias desse quilate, com as quais a estiagem deixará de ser um empecilho à produção.** E só o grande proprietário é que pode reunir o capital necessário, os conhecimentos e as inversões necessárias para que a produção seja de molde a atender as exigências comerciais, que são cada vez mais complexas. Portanto, a seca cumpre um papel importantíssimo, efetuando algo que, para ser realizado artificialmente, requeria, estou seguro, ate mais que a força das armas. **E, além disso, com que mão-de-obra contara o grande proprietário, eis que a escravatura tende a extinguir-se?** (RIBEIRO, 2009, p. 285 – grifos nossos).

[...]

Seguramente não é essa massa rude, de iletrados, enfermiços, encarquilhados, impaludados, mestiços e negros. A isso não se pode chamar um povo, não era isso o que mostraríamos a um estrangeiro como exemplo do nosso povo. O nosso povo é um de nós, ou seja, um como os próprios europeus. As classes trabalhadoras não podem passar disso, não serão jamais povo. Povo e raça, e cultura, e civilização, e afirmação, e nacionalidade, não é o rebotallo dessa mesma nacionalidade. Mesmo depuradas, como prevejo, **as classes trabalhadoras não serão jamais o povo brasileiro, eis que esse povo será representado pela classe dirigente, única que verdadeiramente faz jus a foros de civilização e cultura nos moldes superiores europeus - pois quem somos nós senão europeus transplantados?** (Id. Ibid., p. 286 – grifos nossos).

Já quase no final da narrativa, um descendente da linhagem de Amleto e herdeiro da instituição bancária explica como funcionam as coisas no passado recente:

- Querido tio Phelippe, o dinheiro existe, não precisa ser seu dinheiro. **O dinheiro existe, é só saber o caminho para por as mãos nele e é para isso que esta organização toda, cujo edifício você tanto admirou, funciona.** Ela tem a terra, deve ter alguma coisa em cima dela, cuja avaliação nós podemos configurar da

maneira que melhor servir a nossos interesses, isso é uma coisa simples. **Isso não vai custar um centavo a nenhum de nós, pelo contrário, vai até render dinheiro, porque a tramitação financeira não é feita de graça e nós mesmos é que vamos cuidar dela, aqui no banco e nas outras empresas.** Há prazos de carência especiais, juros especiais, há tudo isso no meio. As letras de câmbio podem ser baseadas nos mecanismos de juros normais, de operações comerciais normais, mas financiando um projeto pago a custos financeiros muito mais baixos.

- Estou sentindo, estou sentindo, você é realmente um gênio.

- Sou nada, **isto é rotina**, todo mundo sabe disto que lhe disse, se tudo fosse isso. Voltando a vaca fria: você precisa confiar em mim. **Eu monto essa operação em que todo mundo vai sair ganhando, você casa com sua Maria Dulce, os meninos não se grilam, tudo fica perfeito.** (RIBEIRO, 2009, p. 762 – grifos nossos).

Fazendo uma breve compilação da evolução do pensamento ao longo do texto – reflexo da história do Brasil relativamente aceita e difundida nos dias de hoje –, o que temos é um primeiro momento da preservação do paradigma do colonizador e das instituições europeias. Barão e Monsenhor alinhados no “modo de pensar”, a aristocracia, investidos do “dever” de conduzir os destinos da nação e de manter ou agravar a segregação para com o povo e o “elemento servil”. São eles, na verdade, portugueses ou mera primeira geração de nascidos no território brasileiro.

Já não é exatamente o caso de Amleto. Filho de mãe negra com um marinheiro inglês, é seu ponto de vista mais avançado, nada menos cruel, porém, que o faz ascender ao nível de alta burguesia e multiplicar sua fortuna. E em termos de poder, o instrumento de identificação da aristocracia passa a não ser mais título de nobreza ou exatamente a origem étnica, mas o capital econômico. Como descrevemos, agora é o monsenhor que ouve o discurso de Amleto e o confirma humildemente, como outrora o mulato fizera. Uma genealogia europeia será literalmente comprada pelo banqueiro.

Quanto ao último discurso que citamos, é nele que podemos identificar o que soaria como uma queda de máscara ao longo do tempo. Vemos um estreitamento desde o sutil e filosoficamente justificado “mas dotarmo-nos das condições a que temos direito e sem as quais feneceremos” do cônego, o surgimento da figura do “grande proprietário”, possuidor do capital, como “classe dirigente”, mantenedora da “ordem social”, chegando ao discurso puro e simples do dinheiro, da auto manutenção e mútuo apoio, sem necessidade de justificativas: “todo mundo sai ganhando”⁹.

Nem sempre, no entanto, o texto trabalha com os extremos. Existe uma espécie de núcleo de classe média cujo excerto ajudaria a compreender o paradigma final. Trata-se de um descendente da família Popó que dá uma festa de família onde inicialmente se ouvia Ray Coniff e a sua nova roupagem para músicas velhas, mas que vai mudando conforme a

personagem vai descrevendo como conseguiu se aposentar com o auxílio de um médico que lhe forneceu atestado; como por influência livrou o filho da cadeia mesmo após cometer alguns diversos crimes; como fraudou um vestibular de Direito e conseguiu um cargo na Polícia Federal para seu outro filho:

Ioiô Lavínio os viu saindo, deu um sorriso terno. A família, que coisa bonita! A Pátria é a família amplificada, pensou com orgulho por saber de cor trechos e mais trechos de Ruy. Olhos marejados de paz consigo mesmo e gratidão a Deus pela felicidade que lhe dera na vida, voltou-se para a janela que dava para **a grande maré soalheira, pesada e plúmbea como um oceano de mercúrio**. Numa voltinha rápida, chegando a derramar um bocadinho do uísque que já levava a boca enquanto ia para a varanda com Lavinette, Domingos correu para o aparelho, **deu um piparote na tecla repeat e a Dança Ritual do Fogo borbotou das caixas de som em turbilhão**. Como comunicar tal emoção, como partilhá-la? A família reunida, um luminoso Sete de Janeiro, **esta bebida, esta musica, este sentimento...** (RIBEIRO, 2009, p. 732-3 – grifos nossos).

Ora, basta imaginarmos a cena em que a *Danza ritual del fuego* ocorre na ópera de Manuel de Falla, ou no filme **El amor brujo**, de Carlos Saura (1986), associada à paisagem descrita e ao alto padrão moral das personagens envolvidas para estarmos quase que perfeitamente defronte a uma mansão infernal. Diante do que poderia ser chamado de O Inimigo do Povo Brasileiro. Quase que uma “irmandade”, como cita o cômico, que antes até se preocupava em justificar-se quanto a manter-se no poder ao longo de todos esses anos, a manter as desigualdades de livre e espontânea vontade, mas que vai sendo desvelada ao longo do romance, na sua determinação em perpetuar-se: *pasado, presente y futuro?*

3 O povo brasileiro

Ao longo do que foi chamado de “discurso dos opressores”, podemos vislumbrar a ideia que é feita por eles do que seria o povo. Massa a ser conduzida e controlada, mantida e utilizada para sustentar a aristocracia. “Malcheirosa”, “suja”, “iletrada” por si, e não por conta da própria política de segregação social necessária e defendida nos discursos que elencamos. O livro vai buscando, no entanto, o que pensa o povo brasileiro e o chama ficcionalmente de “irmandade”, que seria, de fato a “protagonista” a antagonizar com o já descrito inimigo.

Zé Pinto pareceu atemorizar-se com aquilo, mas Dandão virou-se para ele e disse, como se estivesse descrevendo um acontecimento corriqueiro, que efetivamente tinham matado o barão. **Não só tinham matado o barão, como matariam muitos mais barões e fariam outras coisas igualmente portentosas**. Observassem bem, não se tratava só de vingança, ia bem além disso, muitíssimo além. **Morrendo esses senhores de terras, aconteceriam duas coisas: a primeira era que as terras poderiam ser divididas por herdeiros, multiplicando-se em lotes menores, já**

não tão capazes de sustentar aquela riqueza e enfraquecendo a todos os proprietários, além de lançar entre pretendentes a discórdia pela cobiça; a segunda era que estavam sempre esses senhores endividados e hipotecados, até mesmo pelo que gastavam na compra de negros cativos, devendo em letras e obrigações mais do que valia a produção de suas terras e fazendas, de maneira que os credores, muitos deles sem nada terem a ver com essas terras, se apossariam delas, alguns das máquinas, outros das plantações, outros das casas, outros dos negros, tornando confusa a propriedade e complicada a produção. Cada rico morto são dez pobres vivos - acrescentou como se já tivesse dito aquilo muitas vezes - e em cada dez pobres nove são pretos e o outro raceado, ou pelo sangue ou pela vida que leva. [...] Enquanto Júlio Dandão vai aos poucos catando na canastra o que mostrar e vai exibindo alguma coisa e explicando outra, essa Irmandade talvez esteja se fundando, talvez não esteja, talvez tenha sido fundada para sempre e para sempre persista, talvez seja tudo mentira, talvez seja a verdade mais patente e por isso mesmo invisível, porém não se sabendo, porque essa Irmandade, se bem que mate e morra, não fala. (RIBEIRO, 2009, 248-9 – grifos nossos).

Nesse evento de fundação da Irmandade, revelando conhecimentos muito próximos dos daquela Revolução que resultou na “Declaração dos direitos do homem e do cidadão” e que igualmente assassinara os nobres e o clero, verificamos não só o valor afirmativo em si, mas ao leitor, que acompanha ora o discurso do “povo”, ora o do “poder”, vai-se também demonstrando e denunciando as práticas e os instrumentos usados por esses últimos, como o monopólio da terra.

Essa Irmandade irá também se sofisticar em sua filosofia, na voz de Maria da Fé:

- Da autoridade? **Quem lhes deu autoridade?** De onde tiraram sua autoridade? O que foi que mudou depois da República, que progresso houve, que horizonte se abriu para o povo? O que é que vocês sabem, além de matar, espezinhar, humilhar e negar a liberdade e a justiça? Quem jamais nos perguntou alguma coisa? Quem quis saber o que sofríamos, o que sonhávamos, o que desejávamos do mundo, o que podíamos e queríamos dar? Ninguém nos perguntou nada, **até o dom da linguagem vocês querem nos tomar, pela ignorância e pela tirania da fala que empregam, e que é a única que consideram correta embora não sirva senão para disfarçar a mentira com guisas de verdade e ocultar o nosso espírito.**

- **Se reconhece a ignorância de seu povo, então reconhece que aqueles que não são ignorantes tem o dever de conduzir o resto.**

- E vocês não se acham ignorantes? **Você sabe tecer o tecido que o veste? Sabe curtir, tratar e coser o couro que calça?** Sabe criar, matar e cozinhar o boi que o alimenta? Sabe forjar o ferro de que é feita sua arma? **A sua ignorância é maior do que a nossa.** Vocês não sabem o que é bom para nós, não sabem nem o que é bom para vocês. **Vocês não sabem de nós. Chegará talvez o dia em que um de nós lhe parecera mais estrangeiro do que qualquer dos estrangeiros a quem vocês dedicam vassalagem. O povo brasileiro somos nós, nós é que somos vocês, vocês não são nada sem nós.** Vocês não podem nos ensinar nada, porque não querem ensinar, pois todo ensino requer que quem ensine também aprenda e vocês não querem aprender, **vocês querem impor, vocês querem moldar, vocês só querem dominar** (RIBEIRO, 2009, 660-1 – grifos nossos).

E cabe destacar que, ao verificarmos as vozes, os discursos que ora lemos são muito mais diretos e simples de fato. Sem a prolixidade e a necessidade de construções complexas e

elaboradas para justificar absurdos. Neste momento, a irmandade já tomara conhecimento e aqui se desconstrói o âmago da cultura aristocrática, por meio da valorização do trabalho. Passa-se próximo do conceito de intelectualismo orgânico, frente à cultura de elite, e identificam-se novos instrumentos de opressão como a própria educação e a linguagem. Se o primeiro discurso nos lembra os ideais iluministas, este último se aproxima da filosofia marxista, num ressurgimento e reelaboração do conhecimento.

O termo “revolução”, no entanto, aparecerá apenas anos depois. Dita pela personagem Lourenço, que aparece a seu pai, Tico Macário, num momento de delírio causado pela substância mortífera contida no alimento ingerido (peixe baiacu):

- Faço revolução, meu pai - respondeu Lourenço. - Desde minha mãe [Maria da Fé], desde antes de minha mãe até, que buscamos uma consciência do que somos. Antes, não sabíamos nem que estávamos buscando alguma coisa, apenas nos revoltávamos. Mas à medida que o tempo passou, acumulamos sabedoria pela prática e pelo pensamento e hoje sabemos que buscamos essa consciência e estamos encontrando essa consciência. **Não temos armas que vençam a opressão e jamais teremos, embora devamos lutar sempre que a nossa sobrevivência e a nossa honra tenha de ser defendida. Mas a nossa arma há de ser a cabeça, a cabeça de cada um e de todos, que não pode ser dominada e tem de afirmar-se.** Nosso objetivo não é bem a igualdade, é mais a justiça, a liberdade, o orgulho, a dignidade, a boa convivência. **Isto é a luta que trespassará os séculos, porque os inimigos são muito fortes. A chibata continua, a pobreza aumenta, nada mudou.** A Abolição não aboliu a escravidão, criou novos escravos. A República não aboliu a opressão, criou novos opressores. O povo não sabe de si, não tem consciência e tudo o que faz não é visto. **Somente lhe ensinam desprezo por si mesmo, por sua fala, sua aparência, pelo que come, pelo que veste, pelo que é. E nós estamos fazendo essa revolução de pequenas e grandes batalhas, umas sangrentas, outras surdas, outras secretas, e é o que eu faço, meu pai.** (RIBEIRO, 2009, 712-3 – grifos nossos).

Já não é, porém, a revolução no sentido marxista da concepção. E o próprio cenário psicodélico em que se dá o encontro das personagens a nós parece-nos revelar anacronicamente um vínculo ao pensamento contracultural e seu conceito de Revolução Individual. Se a cultura é mais um dos identificados instrumentos de opressão, a contracultura vai justo oferecer respostas: ao “desprezo por si mesmo” com o hedonismo, à valorização da cultura de minorias, à busca de formas alternativas de vestir.

Contudo, embora essa associação a correntes de pensamento possa ampliar a nossa compreensão do romance e verificar o atavismo no eterno confronto oprimidos *versus* opressores ao longo da história da humanidade e no Brasil, com diferentes roupagens, com cada vez mais novas armas – confirmando o “caráter cíclico” de Seymour Menton –, não parece haver solução. Todavia, no caráter transcendental do mesmo discurso de Lourenço, poder-se-ia vislumbrar ainda mais um elemento, que nos permanece velado:

O pai lhe perguntou também sobre a Irmandade. **Lourenço lhe respondeu que existe a Irmandade do Povo Brasileiro e a Irmandade do Homem, que não há como acreditar que não existam. Então coisas tão maravilhosas não aconteceram e não acontecem, não só a eles como a todos, mesmo os mais miseráveis?** A cada instante, se se pensar bem, revela-se que nada é por acaso e, no entanto, o senso comum, maneira de amarrar a consciência epear a liberdade, nega isso e prefere continuar a acreditar em verdades velhas e safadas. Não há esperança? Há esperança, sempre houve esperança, há esperança. Então há a Irmandade, pois, se ela não existisse, não podia haver esperança. Sua mãe explicava sempre que se sabia quando se pertencia à Irmandade. Não se sabia? Como podia o pai ignorar que pertencia a ela, sempre pertenceu, agora mais do que nunca? **Bastava ver com seus novos olhos, pensar com sua nova cabeça e, principalmente, lembrar que há um Espírito do Homem e que esse Espírito do Homem tem como vontade mais nobre e mais forte não só sobreviver como prevalecer,** pois o fracasso do mundo que herdou não será de Deus mas do Espírito do Homem, e esse fracasso é a única forma de um espírito degradar-se, é a única forma de morte. **Esse Espírito é contraditório à Morte e, portanto, a Irmandade existe, pois esse Espírito necessita do Bem como necessitam os peixes da água.** E por essa Irmandade há sacrifícios a cada instante, há milhares e milhares de lutas e heroísmos desconhecidos, de que só a Irmandade sabe e de que se guardam momentos, desde o tempo dos conspiradores da Casa da Farinha, desde antes dos conspiradores, através de muitos anos (RIBEIRO, 2009, p. 714 – grifos nossos).

4 Identidade do protagonista

Logo no início do romance, temos o diálogo entre dois holandeses que restaram perdidos na selva após o ataque mal sucedido de Maurício de Nassau à cidade portuguesa da Bahia:

- Não me fales, torturas-me. Que espécie de peixes há cá? **Não pode haver bons peixes em águas tão quentes, nada aqui é apropriado, nada daqui pode ser vivido aqui. Há coisas que podem ser tiradas daqui e levadas para bom uso cristão, mas o homem não pode viver aqui, é mundo para as raças serviçais e embrutecidas** (RIBEIRO, 2009, 55-6 – grifos nossos).

Vemos nisso uma contradição direta à **Carta do descobrimento**, de Pero Vaz de Caminha:

Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar (CAMINHA, 2013, s. p. – grifos nossos).

E o que nos permanece não identificável é justo sobre o que parece circundar o romance: a gente, o “povo brasileiro”. Mas não como reação à existência do opressor, conforme trabalhamos no capítulo anterior, senão como entidade. Aqueles estrangeiros, mesmo perdidos em território desconhecido, sabiam sobre o povo neerlandês:

- Melhor seria que não blasfemasses e não disseses tais coisas dos nossos comandantes – respondeu Eijkman – Afinal, ainda estamos a serviço de Schkopp e **ainda somos flamengos. Pouco mudou, nesta semana em que estamos aqui perdidos.** (RIBEIRO, 2009, p. 52 – grifos nossos).

Certo que um viés político identificaria, tanto no diálogo dos holandeses, como na carta do conquistador português, novamente o já explorado discurso do opressor, mas nesta seção conclusiva buscamos justo tentar compreender a “gente”.

Seymour Menton (1993, p. 51-2), mais adiante na sua explanação sobre a novela histórica, vai mencionar os esforços da geração de 98 espanhola, empenhada em reconstruir o orgulho nacional frente à grande derrota numa batalha contra os Estados Unidos. E comparará essa forma de lutar literariamente contra um fracasso real à produção de novos romances históricos americanos entre 1979 e 1992. Isso faria sentido para a nossa obra se tomássemos em conta o estado de quase permanente derrota que verificamos ao povo nos excertos.

No entanto, para a compreensão de **Viva o povo brasileiro**, pensamos que a utilização de um teórico de uma geração análoga à de 1898 espanhola possa ser enriquecedora. Membro do *Gruppe 47*, reunião de escritores cujo objetivo era reestruturar a produção literária na Alemanha pós-guerra, Hans Magnus Enzensberger (1978) traça também 5 pontos de comparação entre história (texto de Gollo Mann) e literatura (Döblin):

Primero. el relato del historiador es singularmente dehumanizado. El cuadro que bosqueja parece muerto, resulta semejante a uno cualquiera de los paisajes de Chirico. Nos muestra una historia privada de su sujeto; **las gentes** cuya historia solo aparece como un decorado de fondo, **como una masa oscura** en el fondo del cuadro: [...].

Döblin en cambio, nos muestra un primer plano hirviente de vida. La colectividad se disuelve en **una multitud de sujetos que desfilan en todas las poses y vestimentas, captados un instante por la cámara en su personalidad, en su absoluta individualidad, para que en seguida retornen al movimiento universal:** [...].¹⁰ (ENZENSBERGER, 1978, p. 938 – grifos nossos).

Ao não participar do segundo *rasgo* de Menton e optar por não utilizar uma personagem histórica como protagonista, ao optar por contar histórias (“o segredo da Verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias” é a epígrafe do livro), o nosso autor em tese cria esse protagonista etéreo, constituído ou representado por uma coletividade de personagens, um cardume de individualidades. Ficcionalmente animando, legando vida a essa alguma gente que foi tão mal salva por Suas Altezas portuguesas.

É curioso notar que a última frase do texto assume que o que buscamos não se entrega à vista com facilidade: “ninguém olhou para cima e assim ninguém viu, no meio do temporal,

o Espírito do Homem, erradio, mas cheio de esperança, vagando sobre as águas sem luz da grande baía.” (RIBEIRO, 2009, p. 789)

E ficamos na verdade a cogitar que, para o estrangeiro, João Ubaldo preferiu fixar seu título no inimigo, **An invincible memory**, enquanto aqui deu o título que conhecemos. E colocou na capa das edições nacionais¹¹ as águas de Itaparica, sobre a qual ficamos nós a pairar, perplexos diante do ausente-presente espírito.

¹ “Ficionalização de personagens históricos, distinta da fórmula de Walter Scott – chancelada por Lukács – de protagonistas fictícios.” (Tradução nossa)

² “Distorção consciente da História mediante omissões, exageros e anacronismos.” (Tradução nossa).

³ “[...] existe um capítulo no **Viva o povo brasileiro** que, se não me engano, coincide em número com a rapsódia 14 da Ilíada, que é quando os deuses participam mais efetivamente do combate entre os homens - porque, como você sabe, na Ilíada, os deuses participavam da briga, tomavam partido e se juntavam, e lutavam junto a seus protegidos. Eu apenas transferei aquilo para os orixás.” - **João Ubaldo Ribeiro**. Roda Viva, São Paulo: TV Cultura, 19 fev. 2001. Programa de TV. Transcrição disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/524/entrevistados/joao_ubaldo_ribeiro_2001.htm – Acesso em 13 jan. 2013.

⁴ Segundo Maria Garritano Dourado (2010, p. 67), tratar-se-ia de texto extraído de ofício enviado em julho de 1865 ao ministro da guerra Ângelo Muniz da Silva Ferraz. Tal estaria presente em: OSORIO, J. L.; OSORIO FILHO, F. L. **História do general Osório**. Pelotas: Typografia do Diário Popular, 1915.

⁵ “Ao rever o grau de interferência da sociedade secreta nos acontecimentos, é preciso levar em conta que a maçonaria costuma ‘se apropriar de fatos que não são dela’, diz o historiador Moacyr Flores, autor de sete livros sobre a revolução. [...] ‘De todo o mito que a historiografia maçom criou, a fuga de Bento Gonçalves é o que há de mais real. Existem documentos dentro da ordem que constatarem essa articulação’, diz a historiadora Eliane Colussi [...]. Especialista na maçonaria oitocentista, ela rejeita a ideia de que a irmandade tenha influenciado decisivamente a revolução.” In: RIBEIRO, Sebastião. A influência da maçonaria na Revolução Farroupilha. **Aventuras na história**, (s. i.), 4 abr. 2007. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/influencia-maconaria-revolucao-farroupilha-681217.shtml> - Acesso em: 13 jan. 2013.

⁶ “Subordinação, em graus variados, à reprodução mimética de determinado período histórico para a apresentação de algumas ideias filosóficas, [...] aplicável a todos os períodos do passado, presente e futuro.” (Tradução nossa).

⁷ Curioso nome dado à personagem, um aportuguesamento para o Hamlet shakespeariano.

⁸ Trata-se de uma explicação quase esotérica ao fenômeno da combustão e que era relativamente bem aceita até a descoberta do elemento Oxigênio havia quase um século já, quando se dá a cena da discussão.

⁹ Os trechos entre aspas neste parágrafo referem-se a expressões presentes nos excertos já citados e referenciados na corrente seção.

¹⁰ “Primeiro. O relato do historiador é singularmente desumanizado. O quadro que pincela carece de vida e é semelhante a qualquer dos cenários de Chirico. Ele mostra uma história despojada de seu objeto, a história das gentes aparece apenas como pano de fundo, como uma massa escura mesclada aos arrabaldes: [...].

Döblin, ao contrário, nos mostra a vida de ebulição. A coletividade anônima se dissolve em uma multidão de indivíduos que desfilam em todas as poses e figurinos, suas personalidades capturadas naquele instante, em sua absoluta individualidade, para retornar, em seguida, ao movimento universal.” (Tradução nossa.)

¹¹ “Ao evitar a representação de cenas das obras, as fotos formam texturas atraentes como resultado final. A imagem de água na capa de **Viva o Povo Brasileiro** faz referência ao mar de Itaparica, onde Ubaldo escreveu o romance e, também à Bahia, onde se passa a história.” **Capas das principais obras do autor**. In: <http://www.nova.tecnopop.com.br/joao-ubaldo-ribeiro/> Acesso em 13 jan. 2013.

Referências

CAMINHA, P. V. **Carta a el-rei D. Manuel**. (s. i.). Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D_Manuel_%28ortografia_atualizada%29. Acesso em 13 jan. 2013.

DOURADO, M. T. G. A. **História esquecida da Guerra do Paraguai: fome, doenças e penalidades**. 2010. 221f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ENZENSBERGER, H. M.. La literatura en cuanto história. **Eco Revista de Cultura de Occidente**, Bogotá, nº 201, pp. 937- 46, jul.1978.

ESTEVES, A. R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: UNESP, 2010.

GIACON, E. M. O. Contos e Romances Ubaldianos: um estudo da enunciação. **Revista Guavira Letras**, Campo Grande, v. I, pp. 6-28, 2007.

GIACON, E. M. O. Quatro Rasgos: um novo romance histórico. **Revista Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 1, pp. 1-8, 2003 (GEL/USP).

HOBSBAWM, E. **Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MASAGÃO, M. **Nós que aqui estamos por vós esperamos**. [S. I.] Agência observatório, 1999. 1 DVD (73 min).

MENTON, S. **La nueva novela historica da la America Latina, 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1993.

RIBEIRO, J. U. **Viva o povo brasileiro**. (Edição de bolso) Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SAURA, C. **El amor brujo**. Espanha: Emiliano Piedra, 1986. 1 DVD (100 min).